

## NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



## Aliado de Trump, Putin e Bolsonaro, Orbán perde as eleições na Hungria

A derrota de Viktor Orbán na Hungria, após 16 anos no poder, sinaliza uma mudança de rumo na Europa e o esgotamento da capacidade de projeção política de lideranças associadas ao chamado "liberalismo". E impôs um revés político à estratégia de interferência internacional do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e do presidente russo, Vladimir Putin. Em um momento em que a eleição brasileira ganha contornos mais definidos, o episódio europeu mostra os limites do apoio externo na disputa pelo Palácio do Planalto.

A queda de Orbán representa a fadiga política acumulada ao longo de anos de concentração de poder, autoritarismo institucional e desgaste econômico. Sua associação explícita com lideranças estrangeiras controversas, como Trump e Putin, foi um forte fator de rejeição, sobretudo entre os eleitores mais jovens. Orbán é um ícone de movimentos Maga (Make America Great Again) nos EUA, por ter iniciado o combate à cultura woke, à imigração, às elites universitárias e à liberdade de imprensa, entre outras coisas.

Orbán mostrou à extrema-direita mundial como chegar ao poder e minar uma democracia por dentro, inaugurando o que foi conceituado como "democracia liberal". Segundo o jornal britânico Financial Times, a Rússia montou uma campanha de desinformação para tentar ajudar Orbán a se reeleger, e Washington atuou pesadamente a favor de Orbán. Trump manifestou várias vezes o seu apoio ao premiê, recebeu-o na Casa Branca e prometeu "usar todo o poderio econômico americano para fortalecer a economia da Hungria".

Em fevereiro, o secretário de Estado americano, Marco Rubio, disse, em Budapeste, que as relações entre os dois países viviam uma "era de ouro". Na semana passada, o vice-presidente dos EUA, JD Vance, passou dois dias na Hungria, onde fez campanha abertamente para o aliado, chegando, inclusive, a participar de um comício de Orbán, durante o qual telefonou para Trump. Ao vivo, o presidente elogiou o premiê, dizendo que ele fazia um "trabalho fantástico". Vance ainda acusou a UE de interferência eleitoral, por ter congelado fundos destinados à Hungria.

Para o Brasil, onde a polarização entre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o senador Flávio Bolsonaro está muito acirrada, o caso

A EXPERIÊNCIA HÚNGARA INDICA QUE NARRATIVAS IDEOLÓGICAS GLOBAIS TÊM ALCANCE LIMITADO QUANDO CONFRONTADAS COM A REALIDADE ECONÔMICA E SOCIAL DOS PAÍSES

ção, com um presidente que mantém um piso eleitoral consistente, mas ainda dependente de ampliar sua base social para ser reeleito, e uma oposição em franca ascensão. Qualquer movimento que reforce a rejeição entre os eleitores, especialmente no centro político, pode ser decisivo para qualquer um dos lados.

### Vitória conservadora

Desde a eleição de Trump, por causa de seu intervencionismo na política mundial, cresce a sensibilidade do eleitorado em relação à soberania nacional. A interferência externa tende a ser mal recebida. No caso húngaro, a presença ativa do vice-presidente J.D. Vance, às vésperas do pleito, provocou uma queda de três pontos percentuais de Orbán nas pesquisas de boca de urna. A tradição diplomática brasileira, marcada pelo princípio da não intervenção, contrasta alinhamento automático a interesses estrangeiros. Assim, uma aproximação explícita com Trump pode ser explorada politicamente como sinal de subordinação, porque o nacionalismo econômico e político volta a ganhar relevância no debate público.

A derrota de Orbán, entretanto, não beneficia o governo Lula. O resultado não foi apenas uma rejeição ao alinhamento internacional do premiê húngaro, mas também uma resposta a problemas internos, como inflação elevada, denúncias de corrupção e desgaste institucional. Ou seja, fatores domésticos continuam sendo determinantes centrais do comportamento eleitoral. E a vitória da oposição não se deu por meio de um candidato de esquerda, mas de um político de centro-direita, que até recentemente fazia parte do grupo político de Orbán.

Advogado e ex-aliado do governo, Péter Magyar teve uma ascensão meteórica. Com uma participação recorde de quase 80% dos eleitores, o partido de Magyar, Tisza, obteve mais de 53% dos votos, garantindo uma supermaioria de dois terços no parlamento. Durante anos, Magyar circulou pelos corredores do governo húngaro, ocupando cargos em empresas estatais e na diplomacia. Seu vínculo mais forte com o regime era seu casamento com Judit Varga, ex-ministra da Justiça e figura proeminente do Fidesz, partido de Orbán.

Seu perfil não se alinha ao de Lula nem ao de Flávio Bolsonaro. Uma comparação com os demais candidatos à Presidência mostra-o mais próximo de políticos conservadores, como os ex-governadores de Goiás e Minas Gerais Ronaldo Caiado (PSD) e Romeu Zema (Novo), respectivamente. Nesse sentido, o governo brasileiro não tem muito a comemorar. A experiência húngara indica que narrativas ideológicas globais têm alcance limitado quando confrontadas com a realidade econômica e social dos países.

## ELEIÇÕES

# Transferência de voto para Flávio impressiona

CEO da Nexus destaca o acelerado crescimento do filho de Bolsonaro nas pesquisas. Ele também ressalta a forte rejeição do eleitorado tanto ao senador quanto a Lula

» FERNANDA STRICKLAND

Até menos de seis meses do primeiro turno, o cenário da corrida presidencial aparece cada vez mais marcado pela polarização entre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o campo bolsonarista, agora representado pelo senador Flávio Bolsonaro. A avaliação foi feita por Marcelo Tokarski, CEO da Nexus — Pesquisa e Inteligência de Dados, durante participação no Podcast do Correio, com os jornalistas Ana Maria Campos e Roberto Fonseca.

Na leitura de Tokarski, o país vive hoje uma eleição cercada ao mesmo tempo por um elemento de previsibilidade e por uma incerteza decisiva. A previsibilidade estaria na forte probabilidade de Lula e Flávio chegarem à fase final da disputa. A incerteza, por sua vez, recai sobre o desfecho da corrida, que, segundo ele, aparece aberta e imprevisível na fotografia atual.

Tokarski chamou atenção para a velocidade com que Flávio se consolidou como herdeiro político do bolsonarismo. Em vez de uma transferência gradual de apoio, ele descreveu o movimento como uma "transusão de voto", dada a rapidez com que o nome do senador passou a ocupar espaço competitivo nas pesquisas.

"O crescimento do Flávio, que se lançou em dezembro, foi muito forte. Não teve uma transferência de voto, foi uma transusão de votos, foi muito rápido e de uma forma que nunca tínhamos visto", frisou. Ainda assim, ponderou que parte do

Carlos Vieira CB/DA Press



Tokarski sobre avanço de Flávio: "De uma forma que nunca tínhamos visto"

eleitorado poderá, ao longo da campanha, rever esse apoio dependendo do grau de associação que vier a ser feito entre a imagem do filho e a do ex-presidente Jair Bolsonaro, condenado por tentativa de golpe de Estado e outros crimes.

Outro traço marcante do cenário, segundo o CEO da Nexus, é o alto nível de rejeição dos dois principais nomes. Para ele, a polarização tem transformado a decisão do voto em um gesto mais defensivo do que afirmativo: uma parcela expressiva do eleitorado não escolhe necessariamente o candidato preferido, mas aquele que considera mais capaz de impedir a vitória do adversário. Tokarski lembrou que esse

comportamento já vem influenciando a política nacional há décadas e se tornou ainda mais evidente nas últimas disputas presidenciais.

Ele argumentou que, nesse contexto, o espaço para uma terceira via permanece reduzido. Embora nomes alternativos possam registrar baixa rejeição aparente, isso não significaria, automaticamente, potencial real de crescimento. Em muitos casos, avaliou, o que existe é um alto grau de desconhecimento do eleitor, e não necessariamente abertura concreta para adesão eleitoral futura. Para Tokarski, o eleitor até pode manifestar cansaço diante da polarização, mas não tem demonstrado disposição para

migrar em massa para candidaturas que hoje não enxerga como viáveis ou atrativas.

"Eu acho que, dependendo do estado, pode fazer muita diferença ter o seu candidato, e, em outros, vai ser melhor, talvez, esconder um pouco o candidato. Acho que as eleições estaduais ainda estão muito abertas. Ainda não se sabe quem de fato serão os candidatos em cada um dos lugares. Minas, por exemplo, tem como líder nas pesquisas o Cleitinho, porém, muita gente diz que, talvez, ele não seja o candidato", explicou.

Ao analisar possíveis nomes fora do eixo principal, Tokarski citou o movimento do governador do Paraná, Ratinho Júnior, que desistiu da disputa presidencial e optou por concentrar forças no estado. Na interpretação do entrevistado, a decisão teria levado em conta tanto a dificuldade de romper a polarização nacional quanto a necessidade de proteger seu espaço político no Paraná diante de uma disputa local mais sensível.

O CEO também avaliou que a campanha presidencial tende a ser definida por um contingente de eleitores que não se identifica de maneira fechada nem com o lulismo nem com o bolsonarismo. Trata-se, segundo ele, de um grupo que já alternou votos entre diferentes campos políticos e que volta a fazer um cálculo pragmático sobre qual candidato considera mais vantajoso ou menos arriscado. Esse segmento, observou, tende a ser mais urbano, mais jovem e concentrado nas regiões metropolitanas.

## Economia no eixo central


Na avaliação do CEO da Nexus, Marcelo Tokarski, a economia será o eixo central da disputa pela Presidência da República. Embora os indicadores macroeconômicos possam sinalizar crescimento, inflação sob controle e baixo desemprego, ele afirmou que isso nem sempre se converte em sensação concreta de melhora na vida cotidiana.

Segundo o CEO, há hoje um descompasso entre a economia dos números e a economia real percebida pelo brasileiro comum, especialmente trabalhadores de renda mais baixa, submetidos a empregos de menor qualidade e a custo de vida ainda pressionado.

"Acho que essa contradição entre a economia dos números e a economia real é hoje o principal desafio do presidente Lula. Falo nele porque é o candidato à reeleição. Cabe a ele convencer a sociedade de que a economia está no caminho certo e que sua permanência no cargo será positiva para o eleitor", explicou. "Já o Flávio ocupa a posição oposta, tentando persuadir o eleitorado de que no governo do pai dele a situação era melhor, ou que o atual governo não tem conseguido melhorar a vida das pessoas. No fim das contas, é com esse tipo de percepção que o eleitor decide o voto para presidente."

Tokarski indicou que temas como segurança pública e corrupção devem ocupar papel relevante no debate. Sobre segurança, afirmou que se trata de uma pauta na qual a direita costuma falar com mais sintonia ao sentimento de parte do eleitorado. Já em relação à corrupção, destacou o impacto do noticiário recente e a possibilidade de novos desdobramentos influenciarem na percepção pública ao longo da campanha.

Mesmo assim, ponderou que ainda é cedo para medir com precisão o efeito político desses episódios. Na visão dele, diferentemente de outros momentos da história recente, a leitura do eleitor sobre escândalos atuais não parece estar tão concentrada em um único partido ou grupo, mas mais associada a uma crítica ampla ao funcionamento do poder e ao chamado status quo. (FS)



# LUZES DO CERRADO

Cultura e Energia de Brasília

## Prepare o seu feriado!

Nos dias **20 e 21 de abril**, a Maratona Brasília 2026 convida você para uma programação cultural imperdível.

São dois dias com atrações que unem arte, esporte, música e muita energia para toda a família.

Em breve, a programação completa.

### Venha viver essa energia!

